

**A tradução como aliada na formação de professores e no ensino de
língua inglesa**

Elisângela Lorena Liberatti
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
elisliberatti@uel.br

RESUMO: Até hoje, ensino de línguas estrangeiras (LE) e tradução parecem ser dois campos imiscíveis. Valer-se da tradução no ensino-aprendizagem de LE é algo visto com estigma por uma parcela de professores, alunos e comunidade em geral. Isso pode ser decorrente de crenças repetidas ao longo dos anos, sem um real questionamento dos motivos que levaram a tradução a ser abolida da sala de aula de LE. Assim, o objetivo deste artigo é fazer um breve apanhado teórico sobre tradução em sala de aula de LE (LIBERATTI, 2012) para então apresentar os caminhos trilhados em uma oficina para graduandos do curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual de Londrina em 2021, intitulada *A tradução em sala de aula de língua inglesa: implicações e aplicações*. Buscou-se, na oficina, mostrar aos futuros professores de Língua Inglesa que a tradução pode ser uma aliada no que tange ao ensino de LE. Ao final, observou-se que os alunos desmistificaram suas crenças quanto ao uso da tradução em sala de aula, enxergando-a como aliada a suas práticas.

91

Palavras-chave: tradução; ensino de língua inglesa; Letras - Inglês.

Translation as an ally in teacher training and English language teaching

ABSTRACT: Until today, foreign language teaching (FL) and translation seem to be two immiscible fields, and mixing them is seen with stigma by a portion of teachers, students, and the community in general. This may result from beliefs repeated over the years, without a real questioning of the reasons that led to translations being abolished from the FL classroom. Thus, the purpose of this article is to present a brief theoretical overview of translation applied to the FL teaching (LIBERATTI, 2012), to then introduce the paths we followed in a workshop to undergrad students of the English Teaching Education Program at Universidade Estadual de Londrina in 2021 entitled *The translation in the English language classroom: implications and applications*. Thereby we sought to show future English Language teachers that translation can be an ally when it comes to FL teaching. In the end, we observed that students had demystified their beliefs

regarding the use of translation in FL teaching, seeing it as an ally to their methods.

Keywords: translation; English language teaching; English Teaching Education Program.

Introdução

Ao nos voltarmos para as abordagens de ensino de língua inglesa (LI) praticadas por diferentes instituições, a saber, institutos de idiomas, escolas regulares, e até mesmo professores particulares, ainda hoje o uso da tradução é visto com estigma tanto por alguns professores quanto por alunos. Muitas vezes, a abolição de tal prática no ensino de LI é decorrente de crenças repetidas ao longo dos anos, porém, talvez sem um questionamento sobre os reais motivos deste estigma.

Neste sentido, no presente artigo, discorro sobre tradução em sala de aula de língua estrangeira (LE), com uma breve revisão de literatura, e apresento os caminhos trilhados na oficina *A tradução em sala de aula de língua inglesa: implicações e aplicações*, atrelada ao programa de formação complementar *Prática de Tradução e Interpretação em Língua Inglesa*. Deste modo, ao ofertar a oficina para graduandos do curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual de Londrina em 2021, meu intuito foi buscar mostrar aos futuros professores de LI que a tradução pode ser uma aliada no que tange ao ensino de língua e cultura estrangeiras.

Na primeira seção do artigo, discorro sobre a intersecção de ensino de LE e tradução, na qual traço um breve panorama sobre o uso dessa prática em sala de aula de LE. Na segunda seção, parte mais consistente do artigo, trago o relato de experiência da oficina, com apresentação das atividades propostas por mim e das sugeridas pelos participantes. Por fim, na última seção, apresento minhas considerações finais, com a impressão dos alunos sobre nossos encontros e minhas impressões gerais.

1. Tradução e ensino de LE: inimiga ou aliada, afinal?

A importância dada à imersão na LE, a internacionalização e produção massiva de livros didáticos e métodos hoje vistos como “ultrapassados” podem ter forte apelo no entendimento feito do uso da tradução no ensino de uma LE. Liberatti (2012) aponta que:

O fator financeiro é outro forte contribuinte para o desaparecimento da tradução em sala de aula de LE. Editoras internacionais podem simplificar e massificar a produção de livros se estes forem escritos somente em uma língua, no caso, a LE [com que se trabalha]. Com isso, a LM pode ser apagada dos livros e esses podem ser distribuídos internacionalmente de maneira uniforme (p. 176).

Ademais, alguns métodos de ensino dos séculos XIX e XX exercem influência considerável na visão pejorativa que se tem da tradução em sala de aula de LE.

Dentre eles, faz-se relevante citar o método gramática-tradução (GT), que passa a ocupar considerável espaço no ensino de LE a partir da metade do século XIX. Como o próprio nome já diz, neste método, a tradução permeia todo o processo pedagógico, sendo prática típica e constante em sala de aula. De acordo com Leffa (1988), “o método é composto por três etapas: I. memorização prévia de uma lista de palavras; II. conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases; III. exercícios de tradução e versão” (LIBERATTI, 2012, p. 177).

Porém, o uso abusivo e por vezes não sistematizado da tradução no ensino de LE pode ter contribuído para uma visão de que esta seria a única maneira de utilizá-la nesse sentido. Além disso, para Howatt (1984, p. 173, *apud* COOK, 1998), o método GT recebe duras críticas por alguns fatores, dentre eles o fato de encorajar falsas noções de equivalência entre a LE e a língua materna e trabalhar com a LE de forma descontextualizada, enfocando-se frases isoladas (LIBERATTI, 2012).

Para Cook (1998), o método GT foi o principal influenciador do estereótipo que se criou quanto à tradução em sala de aula de LE, devido ao fato de que este tem como enfoque apenas a tradução escrita, avaliando-se a competência na L2 unicamente pela precisão linguística (*language accuracy*) obtida nas traduções dos aprendizes. Por ele ter se expandido mundo afora de forma rápida, ao se pensar em tradução em sala de aula de LE, muitos associam a prática apenas ao método GT. Ademais, os métodos que surgiram depois dele sofreram influências quanto ao banimento da tradução no ensino de LE. Explano brevemente alguns deles a seguir.

Como ataque ao método GT, surge, no início do século XX, o método direto. Aqui, há exclusão total da língua mãe no ensino, reforçando até os dias atuais a crença de que a LE somente pode ser aprendida por meio de seu uso exclusivo.

No método audiolingual, que surge na 2ª Guerra Mundial com a finalidade de ensinar LE a soldados estadunidenses de maneira rápida, a tradução devia ser evitada na sala de aula, bem como no método natural, que

tenta aplicar na sala de aula a teoria de Stephen Krashen, conhecida como Modelo do Monitor ou Modelo do Input (KRASHEN, 1981). Esse método não valoriza a tradução, baseado na crença de que a transferência de uma língua a outra tem um papel quase (se não) irrelevante no ensino de L2 (LIBERATTI, 2012, p. 178).

Foi com a abordagem comunicativa, criada na década de 70, que a tradução passou a ser definitivamente considerada pela comunidade científica um recurso desaconselhável no ensino de LE. Aqui, a tradução não é bem-vinda como prática facilitadora do ensino. Seu uso não acontece nem de maneira informada e sistematizada, nem como último recurso pedagógico disponível. Seguidores do método comunicativo abominam tal prática e, quando acabam por utilizá-la, podem se sentir culpados.

Para as teorias de *Aquisição da Segunda Língua* (ASL), advindas das teorias de *Aquisição da Primeira Língua* (APL), a tradução no ensino de LE não contribui para a aprendizagem, uma vez que advogam pelo behaviorismo¹ ou pelo inatismo de Chomsky², e sua aquisição é vista como o resultado da necessidade de comunicação no processo de aquisição da linguagem. Sobre isso, Liberatti (2012) aponta que:

Essas teorias não consideram a tradução como prática aceitável no ensino aprendizagem de LE, uma vez que, segundo elas, a atenção do aprendiz deve priorizar o significado e conteúdo em detrimento da forma, estimulando, com isso, uma aquisição *inconsciente* do sistema linguístico. A tradução, pelo contrário, demanda um conhecimento *consciente* das línguas envolvidas no processo de aprendizagem, e, conseqüentemente, não se enquadra nas teorias citadas. Por isso, essas teorias acreditam que a tradução não desempenha papel algum no ensino-aprendizagem de LE. As teorias de L2 baseadas em teorias de APL acreditam que a aquisição de uma segunda língua passa pelo mesmo processo de aquisição da L1. [Porém,] para que a tradução em sala de aula seja aceita e praticada, necessita-se reconhecer o caráter diverso de aprendizagem da L2 em relação à aquisição da L1, pois a aquisição da L1 ocorre dentro de um contexto diferente do aprendizado de uma L2 (p. 179).

Segundo Grilli (2019), a partir dos anos 90, autores como Prabhu (1990); Allwright (1991); Kumaravadivelu (1994, 2001, 2003, 2006), entre outros passam a condenar o caráter prescritivo de métodos de ensino de LE e começam a direcionar seus esforços a estudos sobre a condição pós-método. Em 2006, Kumaravadivelu (*apud* Grilli, 2019) estabelece três parâmetros constituintes do ensino de LE seguindo-se a perspectiva do pós-método:

¹ Behaviorismo: processo de formação de hábitos (LIBERATTI, 2012).

² Inatismo de Chomsky: a linguagem é tida como um patrimônio genético do falante (LIBERATTI, 2012).

o parâmetro da particularidade, o parâmetro da praticabilidade e o parâmetro da possibilidade. O parâmetro da particularidade defende a adequação dos procedimentos de ensino de LE às particularidades linguísticas, socioculturais e políticas do local onde ocorre; o parâmetro da praticabilidade defende que o professor deve gerar teorias a partir de sua prática e deve colocar em prática o que teoriza, constituindo-se como sujeito autônomo do processo de ensino; o parâmetro da possibilidade está relacionado a uma pedagogia atenta às relações de poder no ambiente de ensino, que leve em conta a identidade e as experiências dos aprendizes, possibilitando transformações sociais (*ibidem*, p. 38).

A despeito do que prega este ou aquele método ou abordagem de ensino e sua relação com o uso ou não da tradução em sala de aula, atualmente, vivemos na era do pós-método. Basicamente, o pós-método, ao advogar pela autonomia do professor em sala, ancorando-se em sua capacidade de saber o que e como ensinar e agir, nos leva a refletir sobre o uso da tradução como aliada ao processo de ensino de LE.

96

Isto posto, é de suma importância o entendimento de que o uso da tradução em sala de aula não é atrelado ao método GT. Mais ainda, seu uso sistemático, informado e planejado não se vincula a este ou aquele método ou abordagem, e sim, ao que prega a era pós-método, que não é apenas mais um método de ensino alternativo, e sim uma alternativa para tal.

A seguir, exponho alguns dos principais motivos pelos quais o professor de LE pode fazer uso da tradução em sua prática de ensino, enxergando-a como aliada ao processo de aprendizagem.

2. Relato de experiência

O programa de formação acadêmica complementar *Prática de Tradução e Interpretação em Língua Inglesa* foi criado em 2006 na Universidade Estadual de Londrina. Atrelado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, atualmente é coordenado pela professora Dra. Fernanda Machado Brener. O programa tem como intuito

proporcionar os passos iniciais para a aquisição da competência e prática em tradução e interpretação em nível básico da língua inglesa para alunos do curso de letras - habilitação [*sic*] angloportuguesas. O programa prevê a oferta de oficinas para os

alunos-participantes do projeto para a interpretação e tradução da língua inglesa. As oficinas compreenderão aulas teóricas, leituras e discussões sobre a profissão e formação do intérprete e do tradutor, e aulas práticas com atividades de aquisição de vocabulário e estruturas gramaticais, compreensão de textos falados e escritos, atividades de memorização, tomadas de notas, transcrição e interpretação, tradução de textos orais e escritos. Eventos de extensão com palestras e a prestação de serviços para a comunidade de autores de artigos no âmbito do centro de letras e ciências humanas da UEL também fazem parte do componente prático deste programa (CADERNO, 2019, p. 26-27).

Como docente da universidade, e por possuir formação acadêmica em Estudos da Tradução em nível de mestrado e doutorado, atuo como professora consultora do programa desde 2019, ano em que ofertei minha primeira oficina atrelada ao programa, com o tema tradução de Histórias em Quadrinhos³.

Já em 2021, voltei o tema da oficina para tradução em sala de aula de LI, por entender a importância de se desmistificar alguns conceitos ligados a tal prática em sala de aula, como exposto na seção anterior, uma vez que meu público foi composto por futuros e atuais professores de LI, isto é, graduandos do curso de Letras - Inglês da UEL.

O objetivo da oficina foi trabalhar a tradução em sala de aula de Língua Inglesa (LI), demonstrando ser a tradução uma eficiente ferramenta no ensino-aprendizagem de inglês como língua adicional. Primeiramente, foram apresentados alguns conceitos para desmistificar o uso da tradução em sala de aula de LI, passando-se à proposição de atividades tradutórias que poderão auxiliar o futuro professor em sua prática docente.

A oficina teve carga horária de 30h, com encontros na plataforma on-line do *Google Meet* devido à pandemia de Covid-19. As aulas ocorreram duas vezes por semana, com um encontro síncrono e um assíncrono semanal. A seguir, exponho as atividades propostas tanto por mim quanto pelos alunos, bem como o feedback recebido por parte deles.⁴

Logo no início da oficina, antes mesmo de qualquer insumo teórico, os alunos responderam a um questionário no *Google Forms*, em que deveriam responder se usavam tradução em suas aulas de LI, justificando suas respostas.

³ Em 2021, publiquei o artigo *A tradução de Histórias em Quadrinhos no curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual De Londrina* (no prelo), em que discorro sobre a oficina ofertada em 2019.

⁴ Aqui é importante ressaltar que nem todos os participantes da oficina já possuíam experiência prática em ensino. Nesses casos, eles deveriam trazer suas perspectivas enquanto alunos de Letras - Inglês e pensar em práticas futuras, ou seja, como pensariam suas aulas e abordagens futuras de acordo com o conhecimento que possuíam no momento.

Como podemos observar a partir do gráfico abaixo, a maioria dos alunos (53,3%) diz usar a tradução no ensino de LI de uma forma ou de outra, ao passo que 20% diz não fazer uso da tradução em suas aulas; outros 20% afirmam que a usam raramente, e um aluno diz que tenta não a utilizar, mas que “acaba acontecendo”:

Figura 1: Gráfico “Você usa a tradução em suas aulas de LI?”



Fonte: pesquisa realizada pela autora por meio do *Google Forms*

Trago abaixo as justificativas apresentadas pelos participantes a respeito do uso da tradução em sala de aula, e comento sobre as mais relevantes:

Quadro 1: justificativas apresentadas pelos participantes a respeito do uso da tradução

Se você usa tradução em sala de aula, em quais ocasiões o faz?
— Quando é preciso explicar um texto, para entender melhor certas palavras ou frases que fazem parte de um jargão que não conheço muito, etc.
— Termos muito técnicos ou leituras muito avançadas.
— Em níveis mais iniciantes, quando o aluno é iniciante e ele precisa de uma "muleta" para aprender o novo idioma.
— Pensando como aluna, eu raramente uso traduções em sala de aula, apenas quando necessário se eu não consigo entender a ideia geral. Já como professora, espero usar da tradução como uma ferramenta positiva.
— Eu adoraria usar tradução em minhas aulas no futuro, acho uma perspectiva bem interessante.
— Acredito que utilizei mais nas questões de explicar o significado de algumas palavras desconhecidas pelos alunos em algum texto provavelmente, ou para explicar algum cognato e falso cognato.
— Não dou aula, porém acho que seria uma abordagem útil em ocasiões, por exemplo, em que os alunos pouco sabem e conhecem a língua inglesa. Assim, poderia auxiliá-los, nesse início, a compreender mais a língua.

- Como aluna de ensino fundamental, meu inglês não era muito bom, então em toda ocasião a professora falava que tinha que traduzir usando o dicionário e todas as vezes eu só levava para casa e usava o Google Tradutor depois.
- Quando o aluno sente muita dificuldade em compreender atividades/textos/áudios usados em sala de aula.
- Na maior parte das vezes, utilizo da tradução nas minhas aulas particulares, principalmente com alunos iniciantes e majoritariamente trabalhando com a expansão de vocabulário.
- Ajudar a explicar o significado de uma palavra, quando vejo que o aluno está muito confuso com as instruções (para isso também tento de outras formas ainda no inglês, sendo a tradução meu último recurso).

Se você não usa tradução em sala de aula, por que não o faz?

- Por não saber como utilizar essa ferramenta de maneira que os alunos consigam entender e absorver conhecimento.
- Não utilizo nas minhas aulas em instituto de idiomas, porque não me permitem, e quando não me sinto segura de que é a forma mais acertada de passar algum conhecimento.
- Não sei como incorporar bem esses momentos de tradução dentro da aula. Ocorrem alguns momentos em que os alunos perguntam sobre uma palavra e eu instigo que eles digam o que acham que é, antes de falar, mas nada além disso.
- No momento não estou usando tradução porque dou aula para crianças.
- Tento não usar por exigência da escola.

Fonte: *ibidem*

Como podemos observar a partir dos relatos de quem diz usar a tradução em sala de aula, este recurso, na visão dos alunos, parece ser interessante quando pensamos em aprendizes em níveis mais iniciais, o que vai ao encontro do que advoga Cook (1998), ao citar algumas vantagens do uso da tradução em sala de aula de LE:

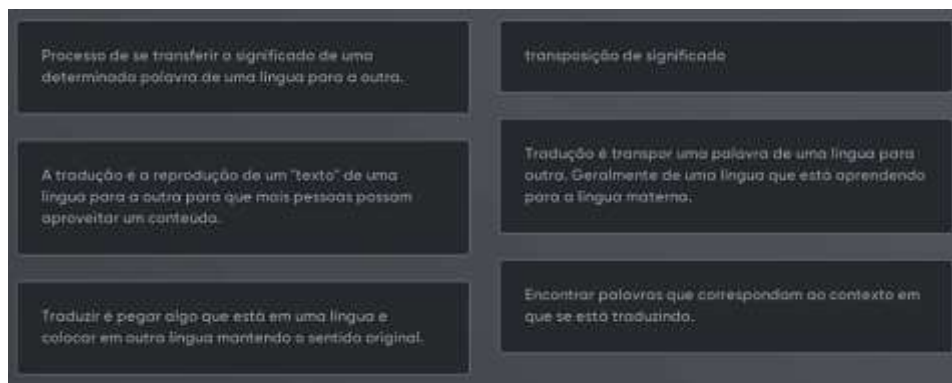
A tradução é o meio mais rápido e eficaz para se explicar uma palavra ou regra gramatical. Assim, quando surgirem dúvidas por parte dos alunos em relação a palavras desconhecidas, o professor pode ganhar tempo ao passar a tradução da palavra ao invés de ter de se desgastar com mímicas, desenhos e jogos de adivinhação. Essa prática é vantajosa principalmente com alunos de níveis iniciantes (LIBERATTI, 2012, p. 181).

A visão da tradução como “muleta” e como último recurso também foi citada pelos alunos; porém, outros a apontaram como uma ferramenta interessante na explicação de falsos cognatos, por exemplo, e para explicações de termos mais técnicos ou avançados. Outro ponto relevante foi o comentário de um aluno sobre o uso do Google Tradutor, o que nos mostra uma aplicação da tradução de forma não sistemática e planejada.

No que diz respeito a não fazer uso da tradução, alunos apontaram que não a utilizam por não saberem como fazê-lo de maneira eficaz ou por proibição da escola em que trabalham, algo bastante comum em institutos de idiomas, por exemplo.

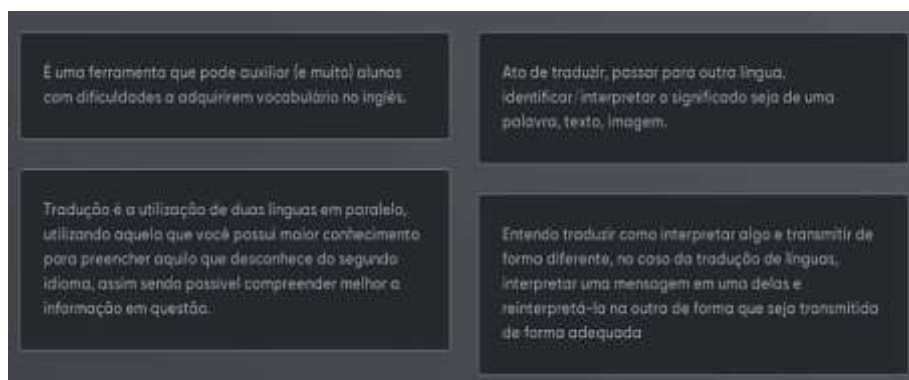
Ademais, no primeiro encontro, trabalhamos com definições de tradução e seus diferentes tipos. Aqui, os alunos expuseram seus diferentes entendimentos do que é ou não é tradução, o que trouxe um rico conteúdo a ser analisado, como nos apontam as informações apresentadas nas imagens abaixo, retiradas do site Mentimeter:⁵

Figura 1: O que é tradução



Fonte: enquête realizada pela autora na plataforma Mentimeter

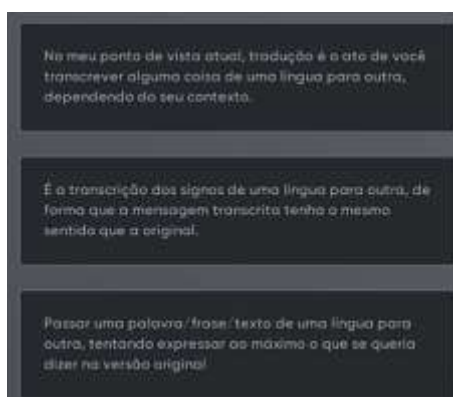
Figura 2: O que é tradução



Fonte: *ibidem*

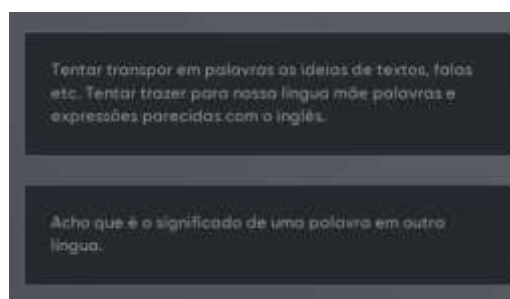
⁵ Plataforma interativa na qual os participantes podem criar e compartilhar apresentações de slides. Para saber mais, acesse <https://www.mentimeter.com/pt-BR>.

Figura 3: O que é tradução



Fonte: *ibidem*

Figura 4: O que é tradução



Fonte: *ibidem*

Não pretendo discutir aqui a adequação ou não das escolhas lexicais feitas pelos alunos ao discorrerem sobre seu entendimento do que vem a ser tradução, até porque não é simples definir o que vem a ser tradução, como nos aponta Souza:

Por não haver nenhuma teoria unificada da tradução, também não existe definição de tradução que seja aceita por todos. O próprio termo tradução é polissêmico e pode significar (a) o produto (ou seja, o texto traduzido); (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo) (SOUZA, 1998, p. 51).

Ao invés disso, meu intuito é apontar um levantamento já antecipado antes mesmo de os participantes enviarem suas respostas: sem insumo prévio, os alunos pensaram em apenas um dos tipos de tradução existentes, a interlingual. Isso já era de se esperar, pois o que nos vem à mente quando falamos em tradução é exatamente isso, como podemos ver nas respostas: “passar uma palavra/frase/texto *de uma língua para outra*”, sendo o excerto destacado em itálico na citação acima algo recorrente em muitas das respostas.

Outro ponto interessante trazido pelos participantes foi o foco no texto ao se pensar tradução, sem menção a itens culturais específicos a determinado país ou cultura. Para Franco Aixelá, itens culturais específicos são:

Aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo. (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 193).

Com o intuito de expandir a visão de tradução apresentada pelos alunos, expus os diferentes tipos de tradução existentes, de acordo com a Tipologia de Roman Jakobson. Para o pesquisador, existem três: “distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais” (JAKOBSON, 1999, p. 64). Duarte (2008) explica que a tipologia de Jakobson

considera que: 1. Tradução intralingual ou reformulação é a interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; 2. Tradução interlingual ou tradução propriamente dita é a interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; 3. Tradução intersemiótica ou transmutação é interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (DUARTE, 2008, p. 1787-8).

Ou seja, quando os alunos afirmam utilizar ou não tradução em sala de aula em alguns casos específicos, na verdade fazem, sim, uso da tradução em suas aulas, uma vez que, ao explicarem em inglês o significado de uma palavra, estão fazendo uso da tradução intralingual, por exemplo, e ao pedirem que alunos descrevam uma imagem por meio da língua inglesa, fazem uso da tradução intersemiótica. A desconstrução de preconceitos é um fator essencial para que mais e mais professores, alunos e envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de uma LE não caiam na falácia de demonizar a tradução em sala de aula sem saber por que o fazem.

Nesse sentido, a atividade para o encontro seguinte foi a busca por exemplos de atividades de ensino de LI (em livros didáticos e na internet, por exemplo) que contemplassem os diferentes tipos de tradução apresentados no encontro.

De maneira geral, as questões trazidas pelos participantes dizem respeito a possíveis experiências negativas que alunos tiveram com o uso da tradução em sala de aula; uso não planejado da tradução; diminuição da tão promovida “imersão total na língua aprendida, às vezes com o argumento de aprender inglês da mesma maneira que se aprendeu português”, como aponta um aluno, seguido por outro: “acho que a tradução interlingual não seja tão usada em aulas de língua inglesa por ‘atrapalhar’ a imersão dos alunos na língua estrangeira. Imagino que seja algo relacionado ao aprendizado da primeira língua, em que a criança passa anos escutando antes de tentar falar. Além disso, a questão da publicidade de ter um ambiente 100% em língua estrangeira”.

Um comentário específico chamou-me a atenção, ao demonstrar o avanço do aluno sobre conscientização dos diferentes tipos e usos da tradução em sala de aula: “Vendo os diferentes tipos de tradução, acredito que a tradução interlingual seja vista como ruim principalmente em institutos privados de idiomas, que prometem vender um inglês parecido com o do ‘falante nativo’, o que torna a tradução algo ruim. Já as outras formas de tradução são utilizadas frequentemente no ensino de LI, porém não são reconhecidas como tradução por muitos”.

Ademais, ainda nesta toada de insumos teóricos, pedi que os alunos lessem e fichassem o artigo *Tradução e ensino de línguas*, de Souza (1999), para discussão no encontro seguinte, além de apresentar-lhes dois planos de aula da Revista Nova Escola: *Usando o dicionário bilíngue*⁶ e *Utilizando o dicionário bilíngue para traduzir content words*⁷, para que tivessem contato com exemplos práticos de abordagens da tradução em sala de aula.

Depois deste primeiro contato com o tema tradução e ensino de LE, os alunos passaram a ter um papel mais ativo na oficina, produzindo atividades que abordassem os seguintes tópicos: homônimos, expressões idiomáticas, cognatos e falsos cognatos, além de trabalharem com tiras e memes e dublagem e legendagem. Os participantes deveriam criar atividades de LI utilizando-se da tradução como ferramenta de ensino e com base no que havia sido estudado até então. Ademais, deveriam trazer definições simples no início de cada conjunto de atividades, *i.e.*, para cada tópico abordado, no próprio material criado.

Os formatos das atividades criadas foram diversos: exercícios de preencher lacunas, de ligar colunas e de múltipla escolha, atividades de tradução literal e tradução do sentido, perguntas abertas, exercícios com vídeos, entre outros. Todas as propostas foram bastante criativas e demonstraram entendimento por parte dos alunos sobre diversas maneiras de utilizarmos a

⁶ Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/6ano/ingles/usando-o-dicionario-bilingue/2269>.

⁷ Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/6ano/ingles/utilizando-o-dicionario-bilingue-para-traduzir-content-words/2106>.

tradução como uma ferramenta útil e eficiente no ensino de LI. A seguir, apresento brevemente o material da oficina.

Na primeira atividade prática, trabalhamos a importância do contexto na construção de enunciados linguísticos, com atividades que abordassem tanto palavras homônimas⁸ em português quanto em inglês. O insumo necessário para que os participantes pudessem criar seus exercícios foi retirado do plano de aula da Revista Nova Escola *Usando o dicionário bilíngue*⁹. Apresento a seguir as palavras homônimas levantadas pelos alunos em suas atividades¹⁰:

Quadro 2: palavras homônimas em português do Brasil

Palavras homônimas em português do Brasil	Traduções para a LI	Palavras homônimas em português do Brasil	Traduções para a LI
Caminho - substantivo	Way	Rio - substantivo	River
Caminho - verbo	Walk	Rio - verbo	Laugh
Casa - substantivo	Home, house	Saia - substantivo	Skirt
Casa - verbo	Marry, get married	Saia - verbo	Leave, get out
Jogo - substantivo	Game	Sente - verbo	Feel
Jogo - verbo	Play	Sente - verbo	Sit down
Leve - adjetivo	Light	Vendo - verbo	Watching
Leve - verbo	Take	Vendo - verbo	I sell
Nada - adjetivo	Nothing	Verão - substantivo	Summer
Nada - verbo	Swim	Verão - verbo	Will see

Fonte: criação dos alunos na oficina em questão

Quadro 3: palavras homônimas em inglês

Palavras homônimas em LI	Traduções para a língua portuguesa do Brasil	Palavras homônimas em LI	Traduções para a língua portuguesa do Brasil
--------------------------	--	--------------------------	--

⁸ Homônimos ou palavras homônimas são aquelas que possuem a mesma pronúncia ou grafia, mas sentidos diferentes, como por exemplo *manga* (de camisa) e *manga* (fruta), em português, e, em inglês, (chocolate) *bar* - de *barra* (de chocolate) - e (window) *bars* - de *grades* (de janela).

⁹ Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/6ano/ingles/usando-o-dicionario-bilingue/2269>.

¹⁰ Por questão de espaço, são apresentadas apenas as palavras descontextualizadas aqui. Porém, é importante ressaltar que todas as atividades desenhadas pelos participantes levaram em conta a relevância do contexto na construção de enunciados linguísticos, ou seja, é apenas pelo contexto que as respostas corretas das atividades se fazem possíveis.

Address - substantivo	Endereço	Nail - substantivo	Unha
Address - verbo	Endereçar	Nail - substantivo	Prego
Bat - substantivo	Taco	Orange - adjetivo	Alaranjado
Bat - substantivo	Morcego	Orange - substantivo	Laranja
Bat - substantivo	Arco	Party - substantivo	Festa
Book - substantivo	Livro	Party - substantivo	Partido político
Book - verbo	Reservar	Party (size) - substantivo	Mesa
Bow - substantivo	Laço	Present - substantivo	Presente
Can - substantivo	Lata	Present - verbo	Apresentar
Can - verbo	Pode	Present - verbo	Presentear
Cold - adjetivo	Frio	Rose - substantivo	Rosa
Cold - substantivo	Gripe	Rose (from) - verbo	Levantou
Fan - substantivo	Fã	Watch - substantivo	Relógio
Fan - substantivo	Ventilador	Watch - verbo	Assistir

Fonte: *ibidem*

A título de ilustração, apresento uma das atividades com palavras homônimas criadas por um dos grupos da oficina:

Figura 5: sugestão de atividade com palavras homônimas em inglês

Leia a charge abaixo e escolha a alternativa correta:



a) O ventilador é um fã de rock metal.
 b) O homem também é um grande ventilador de metal.
 c) Metal fan quer dizer "ventilador de metal" e também "fã de rock metal".
 d) Nenhuma das alternativas.
 e) Todas as alternativas.

Fonte: *ibidem*

Após termos trabalhado com palavras homônimas, passamos a abordar expressões idiomáticas, conhecidas como *idioms* em LI. Os alunos foram apresentados com outro plano de aula da Revista Nova Escola: *Uso de expressões idiomáticas na produção de um diálogo*¹¹, que traz a definição de *idioms* e explora atividades voltadas a algumas dessas expressões. Ademais, foi-lhes trazida a definição de Neves (2020, s.p.). De acordo com o autor, expressões idiomáticas

são porções de frases cujo significado ultrapassa o significado literal das suas partes. Significam mais do que a interpretação das palavras que as compõem, implicando uma leitura contextual. São comumente utilizadas na linguagem informal e, estando algumas muito enraizadas na cultura linguística dos falantes, são aplicadas também em discursos formais. As expressões idiomáticas retratam traços culturais de certos grupos e regiões.

Quando trabalhamos com dois ou mais idiomas em paralelo, podemos notar que existem expressões equivalentes e não equivalentes nos idiomas envolvidos. Nesse sentido, a primeira atividade proposta foi que os alunos acessassem uma lista com 66 *idioms* em LI¹² e respondessem quais deles

¹¹ Revista Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2848/uso-de-expressoes-idiomaticas-na-producao-de-um-dialogo>.

¹² Disponível em: <https://www.smart-words.org/quotes-sayings/idioms-meaning.html>

possuíam correspondente direto em português do Brasil (por exemplo: *break the ice - quebrar o gelo*), quais eram similares (por exemplo: *kill two birds with one stone - matar dois coelhos com uma cajadada só*) e quais não possuíam um equivalente em português do Brasil. Foram criados 6 grupos; desta forma, cada um deles deveria analisar 11 expressões, apresentando posteriormente para a turma.

A seguir, a partir do contato com as expressões idiomáticas da lista, e também de seus conhecimentos prévios de outras expressões, os alunos deveriam criar atividades de tradução com foco em *idioms*. Apresento, abaixo, uma lista com as expressões selecionadas por eles:

Quadro 4: expressões idiomáticas

<i>Idioms</i> abordados nas atividades	
A far cry from	Fly off the handle
A hot potato	Let the cat out of the bag
A penny for your thoughts	Miss the boat
An arm and a leg	Once in a blue moon
At the drop of a hat	Piece of cake
Back to the drawing board	See eye to eye
Barking up the wrong tree	Steal someone's thunder
Can't judge a book by its cover	Take with a grain of salt
Caught between two stools	Taste of your own medicine
Costs an arm and a leg	To be miles away
Cry over spilt milk	To kill two birds with one stone
Curiosity killed the cat	To make a long story short
Cut corners	When pigs fly
Devil's advocate	Wouldn't be caught dead
Don't put all your eggs in one basket	Your guess is as good as mine
Feel a bit under the weather	

Fonte: *ibidem*

A seguir, passamos a trabalhar com cognatos e falsos cognatos. Assistimos ao vídeo *14 falsos cognatos muito comuns em inglês*¹³, de Marília Britto, para então passarmos à criação das atividades.

¹³ Disponível em <https://mariliabritto.com/14-falsos-cognatos-muito-comuns-em-ingles/>.

Figura 6: capa do vídeo “14 falsos cognatos muito comuns em inglês”



Fonte: Youtube

Como instruídos, os participantes deveriam criar atividades abordando tanto falsos cognatos quanto cognatos. Um dos grupos apresentou no material a seguinte definição dos termos:

108

Quadro 5: definição de cognatos e falsos cognatos apresentada por um dos grupos

Cognatos	Falsos Cognatos
Cognatos são palavras que possuem grafia iguais ou semelhantes e o mesmo significado em diferentes idiomas. Por exemplo, a palavra “Positive” em inglês possui uma grafia semelhante à da palavra “positivo” em português, e ambas possuem o mesmo significado nos dois idiomas.	Falsos cognatos são palavras que se assemelham tanto na pronúncia quanto na escrita a palavras de outros idiomas. Porém, apesar de serem semelhantes, elas têm significados diferentes. Por exemplo, as palavras “Content” e “Fabric” em inglês, por terem grafias semelhantes com palavras em português, são geralmente confundidas com as palavras “contente” e “fábrica” , mas na verdade significam “conteúdo” e “tecido” .

Fonte: *ibidem*

Apresento abaixo as palavras escolhidas pelos alunos para abordarem o tópico:

Quadro 6: falsos cognatos

Falsos Cognatos	
Actual	Journal
Actually	Legend
Assist	Mayor

Avocado	
Assume	Novel
Attend	Pan
Balcony	Parents
Cocoa	Potential
College	Prejudice
Comic	Pretend
Dessert	Pull
Eventually	Push
Fabric	Realize
Garage	Subtitles
Gratuity	Support
Intend	Traffic
Jar	

Fonte: *ibidem*

Quadro 7: cognatos

Cognatos	
Angel	Garage
Capricorn	Human
Chocolate	Idea
Comedy	Ignore
Different	Lunch
Emotion	Music
Fruit	Restaurant
Future	Television

Fonte: *ibidem*

O próximo tópico trabalhado utilizou-se de tiras e memes como gêneros textuais nos quais os alunos deveriam buscar conteúdo para criação das atividades. Esta escolha se deu por anseio de se trabalhar língua atrelada à cultura, o que se faz presente em ambos os gêneros de maneira bastante explícita. Não somente, mas também, a presença de humor é muito – se não totalmente –

recorrente tanto em tiras quanto em memes. E humor é *culture-specific*, ou seja, específico a cada cultura.

Apresentei aos alunos algumas especificidades importantes dos gêneros tiras¹⁴ e memes, para, então, propor a seguinte atividade:

Figura 7: instruções para a atividade com tiras e memes

Querid@s alun@s,
para o encontro do dia 24/06, vocês devem:

- escolher algumas tiras e/ou memes;
- criar exercícios que trabalhem *aspectos linguísticos e culturais* durante a atividade tradutória;
- abordar nas atividades traduções do inglês para o português e vice-versa.

--> Levar em consideração: quais aspectos linguísticos/culturais serão abordados nas atividades de tradução? Como serão trabalhados esses aspectos nas atividades propostas?

--> Nesses gêneros, atentem-se à tradução do humor (jogos de palavras, jogos de imagens, por exemplo), aos aspectos não verbais para composição do sentido e aos aspectos culturais.

Cheers,
Elis.

Fonte: aviso de elaboração própria aos alunos da oficina

Os participantes abordaram questões culturais de maneira criativa e interessante, trazendo memes atuais, alguns deles com personagens certamente conhecidos pelos supostos alunos, como o Professor Snape, de Harry Potter, um ator da série *Brooklyn 99*, personagens da série *The Bing Bang Theory*, entre outros. Já as tiras selecionadas foram da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, dos Peanuts, de Charles Schulz, da Mafalda, de Quino, e do Garfield, de Jim Davis, todas atemporais e conhecidas no Brasil.

Por questões de limitação espacial, apenas poderei discorrer sobre as atividades de tiras e memes de maneira bastante breve. O que nos interessa, aqui, é apontar que os participantes tiveram o cuidado de desenhar atividades atrativas e desafiadoras na medida certa, trazendo atividades que cobrissem expressões idiomáticas, jogos de palavras, aspectos culturais, entre outros. A título de ilustração, apresento uma das atividades com memes criadas por um dos grupos da oficina:

¹⁴ Para ler sobre a linguagem das histórias em quadrinhos, cf. Liberatti, 2017.

Figura 8: sugestão de atividades com memes



Fonte: atividade proposta pelos alunos no âmbito da oficina

Para entender os memes acima, o leitor precisa ter conhecimento da música *Hello*, da cantora Adele, e do significado das palavras “otter” (lontra) e “slide” (escorregador) em português (imagem 1), o que torna possível o entendimento do jogo de palavras entre “Hello from the other side” – música de Adele – e “Hello from the otter slide”, texto da imagem 1. Para compreender a imagem 2, é necessário saber o significado da palavra “bite” – mordida – e relacioná-la com o contexto de situação apresentado tanto pelo texto quanto pela imagem, o que permite o jogo de palavras entre “megabite” (mega mordida) e “megabyte”, termo “usado para medir o tamanho da memória e do espaço de armazenamento de um hardware”¹⁵.

Como última tarefa da oficina, abordamos a legendagem e a dublagem, processos tradutórios que professores podem utilizar ao lançarem mão da tradução como ferramenta de ensino. Trabalhar com dublagem e legendagem em sala de aula de LE pode abarcar as quatro habilidades da língua (*reading, writing, listening, speaking*), e geralmente desperta o interesse dos alunos, pois os gêneros textuais abordados são filmes, séries, documentários, desenhos, entre outros, ou seja, vídeos com forte apelo e que normalmente chamam a atenção dos estudantes.

Exibi um vídeo¹⁶ para os participantes, para que eles pudessem entender alguns aspectos importantes desses processos, a saber: o que são essas duas vertentes da tradução audiovisual, quais são suas características e limitações, quais referências culturais estão presentes nos vídeos, por que a dublagem é tão

¹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3ybiLX6>.

¹⁶ “Por que a legenda é diferente da dublagem? | Mabel Cezar e Rayani Immediato”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hpedzzguwqa&ab_channel=sociedadebrasileiradedublagem.

diferente da legendagem, o que são níveis de formalidade linguística, presença de oralidade, entre outros. Entender os aspectos mencionados no vídeo fez-se importante para que os estudantes soubessem que tipos de atividades ou pre-atividades produzir, a fim de guiar os alunos para uma eficiente realização dos exercícios.

Levando em consideração os aspectos apresentados no vídeo, os participantes produziram suas atividades de legendagem e dublagem, seguindo as instruções apresentadas abaixo:

Figura 9: instruções para a atividade de dublagem e legendagem

Querid@s alun@s,
 para o encontro do dia 01/07, vocês devem criar uma atividade de dublagem (Inglês -> Português) e uma atividade de legendagem (Português -> Inglês) de dois vídeos a sua escolha.
 Os vídeos selecionados devem ser CURTOS. Caso queiram, vocês podem trabalhar com trechos do material selecionado.
 As atividades devem propor traduções do inglês para o português (na dublagem) e do português para o inglês (na legendagem)
 Lembrem de trazer exercícios que trabalhem especificamente questões linguísticas e/ou culturais (ou seja, não é apenas para achar vídeos e propor atividades do tipo: legende o vídeo abaixo). O que os alunos precisam saber, em termos linguísticos, para conseguirem fazer a produção? Como isso será abordado nas atividades? Quais atividades serão feitas para guiar as traduções antes, durante e depois do processo tradutório?

Fonte: aviso de elaboração própria aos alunos da oficina

Também por questões de limitação espacial, apenas poderei discorrer brevemente sobre as atividades de dublagem e legendagem. Para a criação de exercícios que abordassem a dublagem, o intuito foi trabalhar majoritariamente com a questão de oralidade, com enfoque na compreensão oral – uma vez que os alunos precisariam escutar o áudio do vídeo em inglês para produzirem suas dublagens. Já para o desenho dos exercícios de legendagem, buscamos trabalhar majoritariamente com a questão da produção escrita, pois os alunos deveriam produzir legendas em língua inglesa de algum vídeo que estivesse em português do Brasil.

Para as atividades de dublagem, os participantes trouxeram trechos de vídeos atualmente interessantes, como, por exemplo, *The Amazing World of Gumball*, *Grey's anatomy* e *The Simpsons*. Um grupo trabalhou com *phrasal verbs*. Aspectos culturais e linguísticos foram considerados, como, por exemplo, a pronúncia do personagem Zelador Willie, que possui um sotaque escocês.

Em relação às atividades de legendagem, os vídeos escolhidos foram da Turma da Mônica, do Oswaldinho e do Capitão América. Com os vídeos da Turma da Mônica, as sugestões de exercícios envolveram, entre outros aspectos, a tradução da dislalia¹⁷ do personagem Cebolinha e de termos como *dentões*, *forçada* e *coelhada*. A linguagem da internet também foi trabalhada em um dos exercícios, trazendo palavras como *share*, *like*, *follow*, *hashtag*, *profile*, entre outras.

As sugestões de exercícios para este último tópico foram, mais uma vez, bastante criativas. Os trechos de vídeos selecionados são ricos em questões culturais e linguísticas e, possivelmente, possuem apelo, despertando interesse por parte dos alunos. O que pude observar, no entanto, é que algumas atividades envolvendo dublagem e legendagem ficaram um tanto “soltas” na questão de marcadores culturais ou linguísticos. Desta forma, os participantes precisaram de maior conscientização sobre a importância de (pré-)atividades guiadas para que os exercícios propostos fossem eficientes no quesito do que se espera dos alunos em cada exercício. Assim, sugeri que algumas das atividades fossem mais desestruturadas e guiadas.

Resultados e considerações finais

Tendo exposto as atividades sugeridas por mim durante a oficina, e as sugestões de exercícios dos participantes, passo agora à avaliação da oficina feita pelos estudantes. Para tal, pedi que os alunos relatassem:

- Suas impressões gerais
- Sugestões de melhorias
- O que gostaria de ter visto e não vimos
- Outros assuntos

Apresento abaixo a imagem gerada pelo Padlet¹⁸, aplicativo utilizado para coleta das respostas.

¹⁷ “A dislalia é uma alteração da fala em que a pessoa não consegue articular e pronunciar algumas palavras, principalmente quando possuem “R” ou “L”, e, por isso, trocam essas palavras por outras com pronúncia semelhante” (fonte: <https://www.tuasaude.com/dislalia/>)

¹⁸ “O **Padlet** é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos multimídia” (fonte: <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf>).

Figura 10: feedback da oficina

Feedback - Oficina "A tradução em sala de aula de língua inglesa: implicações e aplicações"
 @luciana.com

Impressões gerais da oficina
 No começo, eu tive minhas dúvidas sobre como seria feita a oficina, nas suas questões práticas e de tempo, porém eu me surpreendi, a oficina conseguiu trabalhar muitos aspectos da tradução em sala de aula de forma extremamente satisfatória, em adição a isso, a maneira prática como foi abordado o conteúdo permitiu o fácil e rápido entendimento.

Sugestões de melhorias
 Na minha opinião, a única coisa que poderia melhorar seria a adição de outros formatos para a atividade assíncrona, além da produção de exercícios.

O que gostaria de ter visto e não vimos na oficina?
 No geral, eu acho que a oficina abordou todos os temas que eu esperava, porém poderiam ter sido abordados alguns aspectos mais técnicos do uso da tradução na sala de aula.

Adorei a oficina, apesar de sempre ter tido interesse na tradução nunca tinha me dado o trabalho de aprender mais sobre antes da oficina e o processo de obter conhecimento sobre isso foi interessante do começo ao fim, com muitas coisas que eu nem mesmo imaginava. Também gostei da forma na qual os assuntos foram trabalhados, poder trabalhar em grupos nas atividades sempre tornou as atividades menos massivas e mais interessantes de serem feitas, também achei muito legal a forma em que sempre víamos os trabalhos de outros grupos. Sugestão: Não sei se é possível nesses tempos de pandemia mas eu acho que uma maior duração seria legal, conforme você vai aprendendo sobre o engajamento também aumenta então acho que seria interessante uma maior duração para ser possível trabalhar mais com o assunto.

Eu gostei muito da oficina, eu tinha várias dúvidas sobre como utilizar a tradução na sala de aula sem que fosse com pesquisas ou simplesmente passando o significado de palavras para os alunos. Dentro dos conteúdos trabalhados eu percebi que a tradução sempre pode ser aplicada de alguma forma, mesmo que em apenas um pedacinho de um conteúdo. Sem contar que não precisa estar explícito no enunciado dos exercícios, mas pode estar incluso em etapas do ensino e dos exercícios. O único defeito que vi foi ter sido uma oficina compacta e com os encontros contados, seria muito mais proveitoso e interessante que tivéssemos mais encontros para que pudéssemos aprofundar mais nos conteúdos.

Os temas trabalhados na oficina foram bastante interessantes e isso também me permitiu ter uma visão diferente dos aspectos tradutórios e seus usos. Portanto, é possível sim utilizar a tradução como uma ferramenta de aprendizagem. A duração dessa oficina foi bem curta, talvez seja interessante ter mais tempo para trabalhar os temas com mais calma e aprofundamento. Infelizmente não consigo pensar em outros temas a serem trabalhados, mas acho que o básico sobre tradução foi visto e desenvolvido.

Querid@s alun@s, peço que relatem:
 Impressões gerais da oficina
 Sugestões de melhorias
 O que gostaria de ter visto e não vimos na oficina?
 Outros assuntos

Eu gostei muito da oficina, aprendi muito, descobri muita coisa sobre minha visão de tradução, aprendi sobre os tipos de tradução, algo que eu não sabia e achei muito interessante. Achei todos os assuntos abordados muito interessantes, acho que só gostaria que tivesse uma maior profundidade em cada tópico, mas entendo que não seria possível devido ao tempo. Estava tudo muito completo e bem explicado, achei uma quantidade boa de atividades e que ajudaram muito nesse processo de aprendizagem.

Impressões gerais da oficina: a oficina me surpreendeu, antes de começar eu estava meio desanimada mas a cada encontro eu queria me engajar mais.
Sugestões de melhorias: eu achei muito pesado deixar para entregar/apresentar as atividades de cognatos e memes/tirinhas no mesmo dia, com isso a atividade de memes eu me dei para levar mais pelo humor do que pelo objetivo pedagógico.
O que gostaria de ter visto e não vimos na oficina?: não consigo pensar num extra, creio que tudo o que foi visto foi necessário.
Outros assuntos: foi bom poder trabalhar em grupos, pois duas cabeças pensam melhor que uma, foi possível discussões riquíssimas tanto na reunião síncrona quanto as reuniões com meu grupo para criar as atividades.

Achei a oficina bem completa, porém compacta. Seriam interessantes mais encontros para poder expandir mais os tópicos trabalhados. Ajudou bastante a dar outro olhar para a tradução, desmistificando crenças e colocando-a como essencial para o ensino de línguas.

Gostei muitíssimo da oficina e acredito que tenha me ajudado muito a expandir minha concepção e respeito da tradução como uma ferramenta eficaz no processo inicial de aprendizagem de LI na sala de aula. Achei que as atividades tiveram uma carga horária boa e não foram muito extensas, densas e maçantes. Pude aprender muito! Gostei muito de todos os temas e aprendi, principalmente, com os feedbacks recebidos para com nossos exercícios e também para com os dos colegas.

Impressões gerais da oficina:
 Gostei muito da oficina, acho que me ajudou muito a entender melhor como funciona o uso da tradução em sala de aula, acredito que seja uma ferramenta bem importante na aprendizagem de Língua Inglesa. Acho que seria interessante se a oficina tivesse alguns encontros a mais para que todos os tópicos estudados pudessem ser desenvolvidos com mais calma, porém fora isso, gostei de todos os temas, acho que foi tudo muito bem explicado e me ajudou a expandir meu conhecimento sobre o assunto.

Fonte: respostas dos alunos à pesquisa de avaliação da disciplina

Podemos observar que os alunos gostariam de ter tido mais encontros, com uma maior carga horária. Porém, os resultados demonstram, não apenas pelas produções dos participantes, mas também por seus comentários, que a oficina contribuiu para uma mudança de olhar sobre a tradução em sala de aula

de LE, “desmistificando crenças e colocando-a como essencial para o ensino de línguas”, como aponta um dos participantes. Desta maneira, acredito que a experiência contribuiu para o entendimento de como nós, professores de LE, podemos nos utilizar da tradução como aliada.

Ao fazer este relato, espero ter inspirado professores e futuros professores a verem a tradução em sala de aula de LE como uma ferramenta útil, se trabalhada de maneira informada, sistemática e planejada. Agradeço aos participantes pela rica troca.

REFERÊNCIAS

CADERNO Informativo 2019. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/col/lem/portal/pages/arquivos/CADERNO-DE-PROJETOS_2019.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

COOK, G. **Language Teaching**. In: BAKER, M. (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London – New York, Routledge, 1998, p. 117-120.

DUARTE, M. O. **Aspectos conceituais da tradução**. In: XI Simpósio Nacional e I Internacional de Letras e Linguística, 2008, Uberlândia/MG. XI Simpósio Nacional e I Internacional de Letras e Linguística. UBERLÂNDIA: EDUFU, p. 1787-1792, 2008.

FRANCO AIXELÁ, J. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

GRILLI, M. Como ensinar línguas? Do método ao pós-método. **Projekt (Curitiba)**, v. 57, p. 36-41, 2019.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.

LIBERATTI, E. A tradução na sala de aula de LE: (des)construindo conceitos. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 1, p. 175-187, jan./jul. 2012.

LIBERATTI, E. **Traduzindo Histórias em Quadrinhos**: proposta de Unidades Didáticas com enfoque funcionalista e com base em tarefas de tradução. 2017. 447 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181611>>.

NEVES, F. **Expressões idiomáticas**, 2020. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/expresoes-idiomaticas/>. Acesso em: 17 de outubro de 2021.

SOUZA, J. P. D. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 20, n. 1/2, p. 51-67, jan./dez. 1998.

SOUZA, J. P. D. Tradução e ensino de línguas. **Revista do GELNE**, ano 1, v. 1, p. 141-151, 1999.